

Antissemitismo e migração: narrativas de imigrantes da antiga União Soviética para Israel nos anos 1990

Anti-semitism and migration: narratives of immigrants from the former Soviet Union to Israel in the 1990s

LARISA FIALKOVA

PhD em Literatura Russa pela Universidade de Tartu, Estônia; Professora Associada na Universidade de Haifa, Israel.

MARIA YELENEVSKAYA

PhD em Filologia Inglesa pelo Leningrad State Pedagogical Institute, URSS; Professora Associada Sênior no Departamento de Humanidades e Artes, do Instituto de Tecnologia de Israel (Technion).

Traduzido do inglês por Carmen Fasolo.

RESUMO Este artigo analisa as histórias de antissemitismo relatadas espontaneamente, no decorrer de entrevistas conduzidas em profundidade, por judeus, pessoas com origem parental mista e parentes não judeus de judeus provenientes da antiga União Soviética, que imigraram para Israel nos anos 1990. Essas histórias revelam que a identidade judaica de nossos entrevistados não foi mobilizada pela observância da tradição, conhecimento de hebraico ou ligação com a cultura judaica, mas como uma forma de oposição silenciosa ao antissemitismo estatal e popular.

PALAVRAS-CHAVE Antissemitismo; antiga União Soviética; judeus na URSS; falantes do russo em Israel; motivos para a imigração.

ABSTRACT This paper analyses the stories of anti-Semitism which were spontaneously told in the course of in-depth interviews by Jews, by people of mixed progeny and even by non-Jewish family members of Jews who immigrated to Israel from the former Soviet Union in 1990s. These stories reveal that the Jewish identity of our informants was mobilized not by the observance of the tradition, the knowledge of Hebrew or attachment to the Jewish culture, but was a form of silent opposition to the state and popular anti-Semitism.

KEYWORDS Anti-Semitism; former Soviet Union; Jews in the USSR; Russian-speakers in Israel; reasons for immigration.

ESTE ARTIGO CONSISTE NUMA PARTE DE UM AMPLO PROJETO DEDICADO AO ESTUDO de narrativas pessoais de imigrantes soviéticos em Israel. O material foi coletado em entrevistas presenciais conduzidas no período de 1999 a 2002.¹ A amostra completa compreende 122 entrevistas com 143 imigrantes da antiga União Soviética (FSU)² a Israel nos anos de 1990. Há um conteúdo de aproximadamente 80 horas de gravação, transcritas na sua totalidade. Em muitos casos, membros das famílias e amigos preferiram entrevistas em grupo a entrevistas individuais, daí a discrepância nos números. Gostaríamos de aproveitar a oportunidade para agradecer aos estudantes da Universidade de Haifa Alina Sanina, Hanna Shmulian, Svetlana Berenshtein, Marina El-Kayam, Laura Abramov, Hanny Manheim e Christina Barzahian, que colocaram à nossa disposição 21 entrevistas. As outras 101 entrevistas foram feitas por nós. Quatro entrevistas foram feitas em hebraico e todas as demais em russo, a língua materna dos entrevistados. Os participantes deste estudo, assim como as autoras, imigraram para Israel

nos anos de 1990. Os sujeitos foram encontrados através do método bola-de-neve, e, embora não tenha sido nosso objetivo criar uma amostra estatisticamente representativa, o grupo como um todo reflete algumas características demográficas da onda de imigração da antiga União Soviética. Em primeiro lugar, a maioria dos sujeitos era originária de regiões metropolitanas, como Moscou, São Petersburgo, Kiev, Tashkent e outras. Em segundo lugar, uma alta proporção (92) dos entrevistados possuía formação acadêmica, incluindo PhD (12). De acordo com a recente pesquisa sociológica israelense, em torno de 60% da força de trabalho entre os imigrantes da antiga União Soviética têm profissões acadêmicas. (LESHEM; Lissak, 1999, pp. 143-145).

As entrevistas tinham como base perguntas abertas e, em sua essência, cobriam sete tópicos:

- Os motivos para a imigração;
- As primeiras impressões sobre Israel;
- Os contatos com israelenses veteranos;
- Experiência de trabalho e/ou estudo em Israel;
- Atividades de lazer
- Hábitos e costumes antes e depois da imigração;
- Questões ligadas ao uso da língua

Portanto, o tema do antissemitismo não era provocado pelas perguntas dos entrevistadores, mas era abordado pelos próprios entrevistados. Neste ponto, nosso estudo se diferencia de levantamentos recentes conduzidos entre imigrantes dos anos 1990: ele permite contextualizar o tema no discurso dos imigrantes e mostra quais experiências particulares de um antissemitismo estatal e popular tornaram-se parte da biografia do imigrante. Todo pesquisador envolvido no estudo de narrativas pessoais sabe que há uma diferença entre os depoimentos e as declarações recicladas que são dadas

pelos meios de comunicação e geralmente formuladas de modo a preencher as expectativas dos entrevistadores e as histórias de experiência pessoal que genuinamente afetam a visão de mundo, as atitudes e o comportamento dos indivíduos.

Na análise dos dados da amostra, nós constatamos que o antissemitismo apareceu como um dos três principais motivos para a emigração da antiga União Soviética depois da “avalanche” e deterioração da economia soviética e pós-soviética. Referimo-nos à “avalanche” para descrever a situação na qual nossos informantes decidiram emigrar porque sentiram que seu meio ambiente social estava desaparecendo. Nossos entrevistados falaram do medo de solidão causado pela emigração de seus familiares e amigos. Muitos deles disseram ter sentido medo de serem deixados sem apoio: eles estavam convencidos de que tal êxodo em massa não poderia ter acontecido por acaso e que, se tantas pessoas estavam partindo, haveria boas razões para isto. E alguns até admitiram ter tomado tal decisão crucial apenas para fazer companhia a seus amigos e conhecidos.

As razões para imigração mencionadas pelos entrevistados são:

“Avalanche” (ver abaixo)	38
Deterioração da situação econômica	31
Antissemitismo	21
Os filhos decidiram emigrar.	18
Para o bem dos filhos	9
Aumento no índice de crimes	7
Os conflitos militares no Cáucaso	9
Insegurança quanto ao futuro	6
O desastre em Chernobyl	5
Outras razões	10
Não informaram	24

Observe-se que muitas pessoas deram múltiplas razões. Entre os 24 que não abordaram o assunto, 13 eram crianças e jovens menores de 16 anos quando imigraram. O assunto antissemitismo aparece tanto nas entrevistas de judeus praticantes como nas entrevistas de filhos de casamentos mistos, registrados como não judeus nos documentos soviéticos. Aqui gostaríamos de salientar que, no levantamento feito por Al-Haj e Leshem (2000, p. 11), somente 4.4% disseram ter imigrado porque “todos os outros haviam saído”. No entanto, ao se perguntar isso diretamente, as pessoas podem se envergonhar de admitir tal conformidade ao tomar decisões tão importantes.

Nossos dados confirmam conclusões elaboradas por sociólogos russos e israelenses dando conta de que os imigrantes dos anos 1990 foram mais motivados pelo desejo de deixar a União Soviética (*push factors*) do que por fatores de atração a Israel (*pull factors*) (LEBEDEVA, 2001, p. 145; RYVKINA, 1996, p. 186; LESHEM; Sicron, 1998, p. xiv). Fatores de ‘expulsão’ também predominaram entre os judeus imigrantes para a Alemanha, e as categorias de motivos para deixar a União Soviética por eles indicadas coincidem com aquelas nominadas por nossos entrevistados. (DIETz, 2000, p. 643)

Vários estudos mostram que o antissemitismo estava entre esses fatores de expulsão (ver, por exemplo, RYVKINA, 1996, p. 186; GITELMAN, 1997, p. 32; AL-HAJ e LESHEM, 2000, p. 11). É importante observar que, nesta última pesquisa, o medo de *pogroms* e a discriminação eram vistos como categorias separadas. No entanto, de acordo com nossas observações, a discriminação era percebida pelos judeus soviéticos como parte da política de antissemitismo da URSS, e a ameaça de *pogroms* era percebida como sua manifestação mais violenta. Os trechos de entrevistas que agora mostramos ilustrarão esta ideia.³

Olga, G., 72, imigrou em 1992 de Zlatoust, Rússia, vive em Ashkelon, trabalhou como tradutora e hoje está aposentada, 1º grupo.⁴

Durante toda minha vida eu trabalhei como engenheira-tradutora de literatura técnica, em determinado instituto. (...) E, num determinado momento, nossas “pessoas especiais” me chamaram. [“Osobisty, “pessoas especiais”, é um soviétismo para indicar oficiais da KGB, empregados de “departamentos especiais” em grandes empresas e instituições acadêmicas.] Por diversas vezes, eu tive que comparecer a esse departamento, e eles continuavam a me perguntar sobre minha atitude com relação a Israel. E eu dizia: “eu não tenho relação nenhuma”, e eles diziam: “Você é leal a este país? [Israel]?” Eu dizia: “Embora seja judia, eu não considero Israel como meu país, que é completamente estranho para mim; eu não tenho ninguém vivendo no exterior.” E era verdade. “Meus filhos estão aqui, e meu marido está aqui, e eu não tenho nada a ver com a terra de Zion.” E eles me convocaram para entrevistas cinco vezes. Pelo que eu me lembro, isso durou em torno de dois anos. Eu não entendia do que se tratava. Na verdade, isso [a onda emigratória] nunca chegou aos Urais, e em especial a tais cidades “fechadas” como a nossa Zlatoust. [Aparentemente, a entrevistada quer dizer que poucas pessoas emigraram dos Urais] E, na verdade, eu não teria saído se não fosse por uma coincidência fatídica. (...) Mesmo a comida ruim, você sabe, e coisas assim não me incomodam. Mas, uma vez, em 1991, havia um programa na TV central, “A Voz do Povo”. E um homem de meia idade foi até a sala com microfones e, para minha enorme surpresa, ele disse: “Camaradas Judeus! Vocês arruinaram nosso país. Vocês tornaram a Rússia um país de bêbados. Vocês se apoderaram de todos os empregos seguros, em todos os lugares, todos.” E ele lista

todos estes lugares. “E lembre”, e ele falou por um tempo: “Lembre que um dia virá quando não haverá aviões suficientes para vocês.” Quando eu escutei aquilo, imediatamente lembrei-me do fascismo e de como as coisas eram então. E eu pensei: meus filhos e nós, em nossa velhice, teríamos que passar por tudo aquilo novamente? E então, meu marido, que estava ansioso para partir, começou a me pressionar, e eu concordei. E nós começamos com os preparativos para ir a Israel. Mantivemos isso em segredo, porque havia uma espécie de proibição em nossa cidade. E finalmente, depois de toda esta jornada, viemos para cá em 1992. Nós não conhecíamos ninguém e não sabíamos nada. Nós chegamos num vazio.

A história de Olga nos dá um exemplo de antissemitismo estatal. Os judeus eram suspeitos de falta de lealdade ao estado soviético e de apoio a Israel, mesmo quando não havia qualquer indicativo disso. Olga foi humilhada por repetidos interrogatórios, enquanto que outra entrevistada contou que a rejeitaram quando ela se candidatou a um emprego por mera suspeita de que ela costumava ir à sinagoga. Outros entrevistados contaram histórias de discriminação relacionadas a estudos universitários (ver estes motivos em AZBEL, 1982). A falta de confiança era parte do contexto familiar para muitos judeus soviéticos, e muitas pessoas se acostumaram a viver com isto. No caso de Olga, somente uma clara manifestação de antissemitismo nos meios de comunicação e ameaças correspondentes divulgadas num canal central de televisão fizeram com que ela se rendesse à pressão de seu marido para emigrar. Ressaltamos que o marido de Olga era um dos cinco cônjuges não judeus de nossa amostra que iniciaram a emigração. (O número total de cônjuges não judeus era de 14; esta classificação não inclui filhos de pais judeus).

Olga não esconde sua total indiferença para com Israel. E ela não está sozinha. Alguns outros entrevistados comentaram abertamente que se opuseram ativamente a emigrar para Israel e, por fim, vieram para cá sob pressão de seus familiares ou porque os Estados Unidos haviam “fechado as portas”.

Outra história que mostra atitudes antissemitas de oficiais do governo foi contada pelo único não judeu da amostra que citou o antissemitismo como a razão principal da emigração de sua família.

Ludmila Z., 44 divorciada+2, imigrou em 1991 de Lubertsy, região de Moscou; mora hoje em Nazareth Norte; com treinamento como técnica, em Israel ela trabalha como cuidadora; 4º grupo; russa. Saímos para Israel. Aconteceu que meu marido tinha um problema com a polícia devido à sua nacionalidade. Depois de ter tido uma reunião na KGB, eu voltei pra casa e disse: “Sioma, comece a fazer as malas, nós estamos indo embora!” Bem, eu sou de Lubertsy. É uma cidade de bandidos. E uma vez nós estávamos num restaurante e a polícia não gostou da cara do meu marido. E eles começaram a nos atormentar, literalmente, nos atormentar! Naquela época, eu ainda acreditava que havia justiça. Consegui ir até o escritório central da KGB e tive uma reunião lá. E quando voltei, eu disse que estava preparada para partir. Além disso, há uma lei em Moscou que diz que a permissão para emigrar deve ser concedida em quatro meses. Nós esperamos onze meses. Eles criaram toda sorte de obstáculos. E, o tempo todo, eles nós aterrorizavam com ameaças. Eles até atiraram pedras em nossas janelas. E tudo era feito pela polícia.

Entrevistador: Pela polícia?

Ludmila: Sim, pela polícia. A polícia de Lubertsy. Eu posso mesmo dar nomes, eu ainda me lembro deles (...). E eles fabricaram tanto caso contra meu

marido que eu entendi que nós nunca conseguiríamos provar o que realmente havia acontecido e eu perderia meu marido. Então, nós fizemos todos os preparativos silenciosamente e partimos, embora, naquela época, as pessoas não tivessem motivos para ficar com medo [de emigrar]. Nós não enviamos nada. Só enchemos algumas malas. Nós trouxemos nossas roupas e nossos filhos.

As discussões sobre a possibilidade de emigração continuaram por oito anos, com interrupções, na família de Ludmila, e ela sempre se opôs, até ser confrontada com ameaças a seu marido. Ao colocar essas ameaças em perspectiva, Ludmila enfatiza que sua cidade era um centro de crimes. É verdade: Lubertsy tinha uma má reputação como um centro de crimes na região de Moscou. Ludmila tem um bom coração e é um pouco ingênua na sua perspectiva; assim, ela não percebeu a existência de antissemitismo até que dissesse respeito à sua própria família. Ela demonstra a crença camponesa na bondade e na justiça das autoridades. Nos tempos pré-revolucionários, os camponeses estavam convencidos de que o Czar era bom e justo, e, no período soviético, muitas vítimas da repressão de Stalin tinham certeza de que ele desconhecia as atrocidades cometidas por pessoas de seu entorno. Ludmila esperava que os altos oficiais da KGB protegessem sua família de perseguições. Uma confiança exagerada na autoridade do estado soviético e pós-soviético foi observada por Ryvkina (1996). E esta confiança permaneceu forte na metade dos anos 1990, quando o estado era praticamente incapaz de prover segurança a seus cidadãos (RYVKINA, 1996, p. 136). Quando Ludmila falhou em conseguir ajuda da KGB, ela perdeu completamente a confiança no sistema e mudou de força opositora à ideia de emigração a sua força propulsora. Os membros da família partiram como refu-

giados. Embora o casamento de Ludmila tenha se desfeito em Israel, sua história sobre a perseguição a seu ex-marido por antissemitas é ainda cheia de emoção e compaixão.

O aumento do nacionalismo no começo da década de 1990 era, de acordo com historiadores, uma resposta defensiva à queda do comunismo e à democratização e uma transição dolorosa para uma economia de mercado (BRUDNY, 1998, p. 2). A intolerância nacionalista era um dos fatores que mais pesavam, não apenas para os judeus, mas para os migrantes da antiga União Soviética antes de 1990 em geral (IONTSEV, 2001, pp. 337-338; LEBEDEVA, 2001, p. 150). Sabe-se que o antissemitismo sempre se torna mais violento em tempos de crises e transições sociais (ver, por exemplo, CAŁA 1995, pp. 184-219). Como Adorno observa, o antissemitismo é uma ferramenta “...para uma ‘orientação’ fácil num mundo frio, alienado e amplamente incompreensível” (ADORNO, 1950, p. 608). Durante a Perestroika, o antissemitismo patrocinado pelo estado estava gradualmente se tornando uma coisa do passado, mas os judeus eram confrontados com uma nova forma de antissemitismo comunitário prevalente no Ocidente, mas até então pouco familiar aos judeus soviéticos (CHLENOV, 1997, p. 14). O relaxamento da censura, um dos resultados positivos da política da ‘glasnost’, foi acompanhado do surgimento de várias associações e organizações voluntárias. Algumas delas eram ultranacionalistas, tais como o *Pamiat’ (Frente da ‘Memória’ do Povo Russo)*. Além disso, muitas editoras privadas surgiram e divulgaram panfletos e periódicos com propaganda antissemita, os quais incitavam os leitores a acabar com a “conspiração judaico-maçônica”. Essas organizações intensificaram e legitimaram o antissemitismo popular ao institucionalizá-lo. Os judeus soviéticos, acostumados ao antissemitismo patrocina-

nado pelo estado, perceberam o silêncio do estado como uma aprovação implícita daquelas organizações. Alguns entrevistados mencionaram que sua decisão de emigrar foi diretamente influenciada pela crescente influência do *Pamiat'*.

Laura M., 55, divorciada+1, imigrou em 1990 de Leningrado, vive em Nazareth Norte, é funcionária florestal, 1º grupo.

[Sobre sua decisão de emigrar]

Laura: Foi um processo lento e de alguma forma difícil de perceber. (...) Alguns acontecimentos provocaram e aceleraram o processo. Houve alguns encontros de uma multidão do *Pamiat'* no jardim Rumiantsev. Eles eram curiosos e assustadores de se olhar. E houve algumas demonstrações com bandeiras amarelas e com listas de nomes. Você se lembra disso?

Entrevistador: Eu lembro que havia os encontros, mas não me lembro de listas com nomes.

Laura: Próximo à Catedral Kazahn. Eles tinham bandeiras imensas com nomes reais escritos, Sverdlov, você sabe, e eles traziam tudo à tona. Agora já não é mais assim, mas, naquela época, era tudo novo, uma novidade mesmo. E era assustador. E então nós encontramos um folheto em nossa caixa de correio. Eu não lembro exatamente o que constava, mas eu lembro sim de conter algo como 'nesta data ou outra estejam preparados!' Estejam preparados! E nós saímos da cidade. Fomos até o interior, para a casa de minha mãe.

Entrevistador: Isso aconteceu em 1989? Você lembra quando foi?

Laura: Eu acho que foi em 1988. E então, recebemos o convite. (...) Nossos familiares começaram a participar de reuniões (...) com a equipe da embaixada [de Israel] ou com alguém que vinha até a cidade. Aconteceram várias reuniões no Palácio Kirov [O Palácio Kirov de Cultura era um dos

maiores centros comunitários de Leningrado]. E então nós nos juntamos a eles, para fazer-lhes companhia, porque também éramos judeus e porque estávamos igualmente interessados...

Várias vezes durante a entrevista, Laura menciona que sua decisão de emigrar foi, de alguma forma, acidental e influenciada por várias coincidências. Nesse trecho de sua entrevista, embora mostre que o medo de *pogroms* estimulou sua decisão, ela desvaloriza a ameaça do antissemitismo crescente ao dizer que essas novas manifestações eram tão incomuns que, além de medo, elas inspiravam curiosidade. Suas memórias desse período estão associadas com lugares específicos em sua cidade natal, e, muitas vezes, ela recorre à entrevistadora, como ela originária de Leningrado, para envolvê-la nessas reminiscências mais ativamente. Ao contar novamente que as manifestações carregavam listas de nomes, ela menciona o nome de um proeminente bolchevique, Yakov Mikhailovich (Moiseevich) Sverdlov. A busca de bodes expiatórios no final dos anos de 1980, assim como no final da década de 1940, era acompanhada pela revelação de pseudônimos russos de judeus líderes do partido e de membros da elite científica e cultural do país, para mostrar que eles eram os verdadeiros executores e que tinham responsabilidade pelo fracasso na política, na economia e na vida. (OREN; Prat, 1988, v. 4, pp. 526-527).

Ella V., 69, imigrou em 1991 de Kursk, mora em Ashkelon, trabalhou como professora e atualmente está aposentada, 1º grupo.

Ella: A ideia de emigração, esta ideia surgiu primeiro com o pânico que começou depois das ameaças proferidas pela "sociedade *Pamiat'*" de Leningrado. (...) Diziam-nos que os *pogroms* judaicos viriam (...). Isso foi em 1990. (...) E minha

vizinha, do apartamento ao lado, também escutou isso. Essa mulher simples [pausa], uma russa, imediatamente veio e disse: “Ella, se alguma coisa acontecer, venha imediatamente para minha casa.” E foi simplesmente horrível, porque se tratava de um sentimento de medo tão palpável. Eu nunca tinha sentido isso antes. (...) Mas, quando ela, uma simples mulher russa, se deu conta de que estávamos em perigo e levou isso tão a sério, nós também consideramos o problema seriamente. E outra coisa: as pessoas começaram a partir. E eu me dei conta de que vivia apagando números de telefone da minha agenda. E meses se passaram e (...) então compreendemos que havíamos sido deixados num vazio.

A história de Ella é representativa dos muitos imigrantes que partiram no início da década de 1990. Ela só tomou completa consciência das ameaças dos ultranacionalistas depois da reação de alguém que demonstrou ser mais sensível, embora não fosse uma ameaça direta a ela. Iguamente ameaçador era o sentimento de “vazio”. A imagem usada por Olga G. acima quando se refere a Israel, onde ela não tinha amigos e “nós chegamos num vazio”, foi aplicada por Ella à sua cidade natal. Como Ella, muitos dos nossos entrevistados disseram que, no final da década de 1980 e início da década de 1990, suas cidades e o país inteiro, que eles sempre consideraram ser seus, tornaram-se, de uma só vez, estranhos e não hospitaleiros.

Tatiana Zh., 70, divorciada, imigrou em 1994 de Tver', mora em Haifa, é linguista e professora universitária (com doutorado), aposentada, trabalha como cuidadora, 2º grupo (pai russo).

Bem, para começar, a situação na Rússia começou a mudar, e não para melhor, quando Zhirinovsky⁵ apareceu [pausa] e nós não sabíamos o

que estava por trás dele. E estas organizações fascistas tornaram-se reais; algumas vezes, mostrava-se na televisão como eles marchavam. (...) Tudo era muito desagradável e preocupante, porque, é claro, eu sabia sobre o antissemitismo, mas, pessoalmente nunca havia sentido. Porque eu sou meio-judia, e minha mãe era judia, ela tentou fazer de tudo para que eu não me sentisse judia, ela não queria que estes genes me afetassem. (...) Para ser objetiva, eu tinha tido uma chance de fazer um doutorado sem qualquer problema e eu consegui uma cátedra [antes de imigrar Tatiana era a chefe de um departamento na Universidade] sem qualquer problema e tudo o mais... Mas, apesar de tudo isso, dentro de mim... Quando eu vi como as coisas estavam, eu me senti muito desconfortável em estar aqui [na Rússia]. Por exemplo, num bonde, eu evitava sentar porque tinha medo que alguém dissesse: “Levante-se sua judia! Como você ousa sentar aqui?!” (...) São só ninharias, mas a coisa maior, quando eu senti que era a hora, foi quando Zhirinovsky ganhou as eleições. Então eu fiquei realmente com medo. Eu não estava com medo apenas pelo meu bem estar. Meus filhos não queriam sair, não queriam se mudar, eles nunca haviam levantado essa questão de forma nenhuma. A mulher do meu filho é russa, minha neta também é russa porque sua mãe é russa. E ele também não é completamente judeu. Mas ela [a neta] parece muito ser judia; você sabe, o seu cabelo, sua face alongada. Bem, ela parece ser judia, embora seja loira e tudo o mais. E eu fiquei assustada, embora ela fosse russa em seu passaporte. Mas, como dizem, eles atingem você no rosto, eles não atingem seu passaporte. E eu comecei a agir para sair.

Mais adiante Tatiana diz que seus filhos não compartilharam seus medos. Ela acreditou que ao

imigrar para Israel ela estava “abrindo um caminho” para o resto da família. Seus esforços foram em vão, porque seus filhos escolheram emigrar para os Estados Unidos. Note-se que Tatiana não apenas estava registrada como não judia em seus papéis soviéticos, como sua mãe fez o que pode para distanciá-la de suas raízes judaicas. Embora documentos “limpos” tenham protegido sua carreira, eles se tornaram um obstáculo para a emigração: Tatiana fez um esforço considerável para provar às autoridades que era elegível para a emigração.

Ela foi movida por medo a respeito de sua neta, e esse medo também ilustra as mudanças na situação. Formalmente, a jovem não era nem um pouco judia, portanto ela não poderia ser objeto de um antissemitismo patrocinado pelo estado, mas os genes, que a mãe de Tatiana tinha tentado neutralizar, pregaram uma peça cruel: a garota poderia ser alvo de antissemitismo por seus traços físicos. Para provar que, para os antissemitas isso era mais forte do que o registro da nacionalidade no passaporte, Tatiana se refere a uma piada contada com frequência.

Tatiana sentia-se especialmente desconfortável em lugares públicos lotados, o que implica que ela temia que ser vítima de um atacante em potencial, não de um insulto antissemita, encontraria apoio nos transeuntes. Insultos em lugares públicos, em especial em transporte público e em lojas em tempos de racionamento de comida, foram relatados por vários outros entrevistados, por exemplo, Vladimir B., 70; Sofia Y., 48; Rimma G., 69; e outros. O sentimento de ansiedade causado por atividades ultranacionalistas, discursos antissemitas divulgados pela TV central, e folhetos e pôsteres antissemitas não foram apenas relatados pelos entrevistados, ao recordar o final da década de 1980 e início de 1990. Nas entrevistas de Ryvkina em meados dos anos 1990, a ansiedade na Rússia, entre os ju-

deus da antiga União Soviética, manteve-se intensa na metade dos anos de 1990. Observe-se que Ryvkina e Lebedeva salientam que o número de respondentes que abordaram atividades antissemitas consideravelmente excedeu o número daqueles que as enfrentaram pessoalmente (LEBEDEVA, 2001, p. 150; RYVKINA, 1996, pp. 115-137).

O antissemitismo amplamente divulgado do período assustou os judeus por sua violência e apressou as decisões para emigrar. Além disso, ele fez com que as pessoas reconsiderassem seu passado, no qual a raiva e a dor causadas pelo ódio chauvinista foram suprimidas uma vez que os judeus, exceto os dissidentes, sentiam-se impotentes e incapazes de se opor ativamente à discriminação.

Esfir' la., 35, casada+1, imigrou de Moscou em 1989, mora em Haifa, é química, 1º grupo.

Esfir': O acampamento pioneiro [A *Liga dos Jovens Pioneiros* era uma versão soviética dos *Escoteiros*] para onde eles [seus pais] me mandaram, era muito bom. Era associado a uma fábrica de vestuário ou algo parecido. Era um grande acampamento e o equipamento era excelente. Eles nos davam até salmão e caviar, não lembro se era caviar vermelho ou preto, mas com certeza eles nos davam caviar. O período era de 40 dias. [O verão no acampamento de pioneiros não era dividido em meses, mas em “períodos”, como um dia de trabalho numa fábrica]. Era considerado como um acampamento muito bom. As crianças que lá estavam eram da mesma sorte, quer dizer, elas eram do mesmo estrato de população [aparentemente ela se refere à classe trabalhadora], você sabe. Ou seja, eles certamente haviam escutado a palavra ‘judeu’ e provavelmente poderiam mesmo reconhecer um. Quer dizer, eles me reconheceram sem o mínimo esforço. Sempre que eu entrava na sala de jantar, e a sala de jantar era

muito grande, eu tentava entrar, mas eles não me deixavam. As crianças estavam sentadas e batiam com suas colheres e repetiam em coro: "Vocês judeus, comam seu pão". Eu não podia contar para meus pais e pedir para sair de lá por causa disto. Como é que eu poderia lhes explicar?

Entrevistador: Por que você não poderia?

Esfir': Mas como é que eu poderia contar para meus pais? Eu pensava neles, seria um sofrimento, os machucaria. Como é que eu poderia dizer isso?

Ao contar sua história como membro de um grupo, Esfir' confia num conhecimento anterior compartilhado. Ao mencionar que o acampamento pioneiro pertencia a uma fábrica de vestuário, ela quer dizer que a maioria das crianças vinha de famílias de classes trabalhadoras, nas quais o antissemitismo era estimulado desde a infância. Muitos judeus soviéticos estavam convencidos, provavelmente erroneamente, que a porcentagem de antissemitas era grande particularmente entre trabalhadores e camponeses. Como outros respondentes, Esfir' enfatiza que os traços físicos eram dominantes no reconhecimento de judeus por antissemitas. Observe-se que, para descrever um "bom" acampamento, ela menciona o seu tamanho, o bom equipamento e, além de tudo, as delícias em comidas. O que não havia no acampamento eram instrutores sérios. Era obrigação dos adultos terem percebido o insulto coletivo e o sofrimento da criança. Além disso, a própria criança não recorreu aos adultos para pedir ajuda. Ela não esperava que seus supervisores estivessem disponíveis ou mesmo que seus pais fossem capazes de protegê-la.

Esfir' não definiu antissemitismo como a razão principal para emigrar, mas, ao longo de toda a entrevista, ela repetiu que se sentia como uma estranha (alienígena) na União Soviética. Isto não impediu que ela sentisse uma grande afinidade

com a cultura russa. O antissemitismo nem sempre foi a razão para emigrar, mas a prontidão para enfrentá-lo era parte importante de sentir-se judeu.

Gitelman salienta uma das muitas ironias da prática soviética. O estado baseado na visão de Marx de desaparecimento das nações tinha adotado medidas tais como o registro oficial de nacionalidade e a quase impossibilidade de mudá-la, o que assegurava a preservação da identidade étnica e a consciência, mesmo entre aqueles que gostariam de ter se livrado disso. Os judeus permaneceram fortemente identificados como judeus na União Soviética, não porque gostariam que assim fosse, mas porque o estado soviético os classificava e registrava como tal. Da mesma forma, a sociedade os via como uma entidade distinta e, algumas vezes, os colocava em posição defensiva, desse modo fazendo com que se dessem conta e defendessem sua identidade. Na União Soviética a distinção de judaísmo (*Jewishness*) entendido como uma entidade étnica e de judaísmo (*Judaism*) entendido como religião tornou possível a sobrevivência do primeiro, apesar da quase destruição do segundo (GITELMAN, 1992, p. 76).

No entanto, de alguma forma, o sistema legal soviético encorajou os judeus a abandonarem sua identidade étnica. Na União Soviética, os filhos de casais mistos podiam escolher a etnicidade de seu pai ou de sua mãe, ao receberem sua carteira de identidade aos 16 anos.

Anastasia Ts., 48, casada +2, imigrou em 1991 de Kiev, Ucrânia; mora em Haifa; é bibliotecária, hoje proprietária de uma livraria russa, 2º grupo (pai russo). Ninguém nunca pensou que eu fosse russa. Eu tinha três passaportes internos. Em dois deles, eu estava registrada como judia e, no terceiro, como russa. Você sabe como era então – você colocava o que queria.

Korina Yu., 67, divorciada+1, imigrou de Baku em 1991, mora em Haifa, costumava trabalhar como funcionária cultural num sanatório, aposentada, 2º grupo (o pai era um uzbeque).

Minha mãe era judia, e meu pai era um uzbeque. Portanto, eu não fui registrada [como judia] em lugar nenhum... Você sabe, a nossa nação que poderia ser... E geralmente era muito quieto em Baku a este respeito.

Embora muitos dos “mistos” tenham sido registrados como não judeus, sua autoidentificação variava. Assim, embora arguente que não havia antissemitismo em Baku (Azerbaijão), Korina ainda preferiu o porto seguro da etnicidade de seu pai. Por outro lado, Anastasia disse que nenhum de seus amigos e conhecidos pensava que ela fosse russa. Embora não considerasse necessário esconder sua condição judaica, ela se beneficiou do fato de seu pai não ser judeu. Além disso, ela não tinha medo de admitir que havia mentido para as autoridades, pois não apenas tinha três passaportes diferentes, como havia dado informações distintas ao se registrar. O leitor é livre para adivinhar qual passaporte ela apresentou aos seus empregadores em potencial. Anastasia comentou que ninguém na antiga União Soviética se importava a respeito de como uma pessoa definia sua nacionalidade. A mesma ideia foi comentada por Zena B., 53. Tanto Anastasia Ts. como Zena B. casualmente expandem o privilégio dos “meio-sangue” de escolherem como se registrar perante qualquer pessoa, o que não era o caso. A escolha estava restrita à nacionalidade de um dos pais, e somente no caso de famílias “mistas” os descendentes poderiam escolher entre um e outro (SUNY, 2001, p. 250). Quando ambos os pais eram judeus, as crianças não tinham escolha. Mesmo a conversão não poderia mudar o quinto parágrafo no passaporte.

Sempre preparados para uma deterioração da situação política e para novas ondas de antissemitismo, a maioria dos pais instruiu os filhos a se registrarem como não judeus. O dilema de como se registrar com frequência criava um conflito interior, por exemplo, em famílias uniparentais, quando um adolescente era forçado pelas circunstâncias a escolher a etnicidade do pai que não estava envolvido em sua criação.

Sofia Sh., 31, divorciada+2, imigrou em 1993 de Moscou, mora num kibutz no norte de Israel, tradutora (sem formação acadêmica), 2º grupo (pai russo).

Sofia: Eu fui criada sem um pai. E nunca falávamos sobre nossa condição judaica em casa. A palavra “judia” estava escrita no passaporte de minha mãe. E, quando eu fui fazer meu passaporte, eu telefonei para minha mãe em seu escritório e disse: “Mãe, a respeito deste quinto parágrafo, eu vou escrever a mesma coisa que está escrita em seu passaporte.” Eu nem mesmo mencionei a palavra. E eu escutei do outro lado da linha, minha mãe gritando: “Idiota! Não se atreva! Diga que você é russa.” Porque ela tinha sua própria história, uma história muito desagradável com tudo isso. Ela havia falhado em alguns momentos, e tudo por causa do quinto parágrafo. E então eu entendi; há alguma coisa errada aqui. Pode levar a alguma coisa. E desde este exato momento... E era naquele período, naquela idade, que todas as amizades começam. Eu me dei conta de que, enquanto houvesse alguma coisa errada sobre isto [ser judeu], isto não deveria ser escondido. E então, quando você conhece pessoas, você deve lhes dar uma escolha em seguida, ou seja, quando uma nova pessoa se juntava a meu círculo de amizades, e era uma companhia muito próxima, sólida, nós nos conhecíamos muito bem, então, imediatamente eu dizia: “Meu nome é So-

fia, e eu sou judia”. Bem, provavelmente não na primeira frase.

Entrevistador: Você se registrou como judia?

Sofia: Não, como russa.

Sofia não é a única respondente que descobriu que era judia mais tarde. Muitos filhos souberam disso quando foram assediados e ridicularizados por seus colegas, ou quando tiveram que preencher vários formulários em escolas, bibliotecas e assim por diante. Para algumas crianças, relatar o fato de serem judeus estava entre os primeiros testes de coragem. Anastasia F., 43, (1º grupo), por exemplo, admitiu que, aos doze anos de idade, precisou forçar-se a responder à questão diretamente em vez de evitar o tema e murmurar desajeitadamente “que diferença isto faz?”. Veronika R. (2º grupo), nos contou que havia começado de forma desafiadora a contar para todo mundo que era judia com a idade de 15-16 anos, depois que um colega de escola lhe disse que nunca casaria com ela porque ela era judia. Sentimentos similares foram descritos por Larisa Bogoraz, uma dissidente que imigrou para Israel na década de 1970. Ela escreveu que somente na escola havia entendido que era judia e, desta forma, se diferenciava de seus colegas com desvantagem. Ela lembrou que, em 1945-1946, sentiu-se mais judia do que nunca por causa do antissemitismo crescente. Ela declarou com orgulho evidente que era judia. Mas ela admitiu que a demonstração de orgulho foi apenas para estimular sua própria coragem: “Eu não tenho medo de admitir este fato vergonhoso de minha biografia.” (BOGORAZ, 1973, pp. 61-62).

Estas reminiscências mostram que, por muitas gerações de judeus soviéticos, esses sentimentos eram inseparáveis do processo de amadurecimento, parte do “rito de passagem”. Quando adolescente, Sofia considerou importante declarar seu

judaísmo como se fosse uma desvantagem e que esconder isto poderia complicar relacionamentos futuros com outras pessoas. Observe-se que, quando ela diz que seu pai era russo, ela não diz que sua mãe era judia, era apenas aquela “palavra”, um rótulo em seu passaporte. Ao se declarar judia, Sofia não tinha qualquer afinidade com judeus. A família nunca seguia qualquer tradição, com exceção de comer *matzá* quando a avó de Sofia mandava de outra cidade. Em algum momento da entrevista, ela disse: “como todas as pessoas comuns [não-judeus] costumávamos contar piadas sobre judeus”. Como a maioria de nossos respondentes, ela não tinha ideia de como era Israel. Brincando com sua própria ignorância, ela mencionou que, mesmo pouco tempo antes da imigração, ela não sabia onde Israel se situava.

Como já mencionamos, Ella V. enfatiza que uma “mulher russa comum”, sem educação formal, provou ser mais sábia do que toda sua família. O tema de um não-judeu agir protegendo judeus aparece em diversas outras histórias. Aqui está uma delas.

Ella O., 55, imigrou em 2000 de Belgorod, mora em Haifa; enfermeira por formação, trabalha como atendente a domicílio, 1º grupo.

Ella: Aqui está uma história interessante para você. Esqueci-me de lhe contar o que mudou minha vida completamente! Quando eu fiz 16 anos, precisei fazer minha carteira de identidade. E a delegacia de polícia, o departamento de emissão de passaportes, situava-se na mesma quadra da minha fábrica de vestuário [Quando era adolescente, Ella trabalhou numa fábrica como passageira]. E o chefe do departamento de passaportes, nunca vou esquecer isto, era Chernov. (...) Ele era um rapaz bonito, ucraniano. E, por alguma razão, as pessoas costumavam dizer que ele era antissemita, que “ele não gosta de judeus e é

muito severo". Mas ele era muito BONITO, como costumavam dizer, um bonitão "topetão" [*khokhol*, é um nome jocoso dos ucranianos, que vem do seu hábito de raspar a cabeça, exceto por um único tufo de cabelo]. Ele era tão ROBUSTO, tão corpulento, com seus olhos em cor azul claro, com seu sotaque ucraniano e voz de barítono. Bem, era um policial verdadeiro, como dizemos hoje em dia, e ele sempre almoçava na cantina da fábrica. E quando havia concertos, todos os oficiais da polícia vinham assistir na fábrica de vestuário. E ele me escutou cantar, ele escutou como cantei. E então eu fui fazer minha identidade. E, na minha certidão de nascimento, constava que meu pai era judeu e minha mãe, é claro, também era judia. E ele estava prestes a emitir minha identidade, mas fechou a porta e disse para sua secretária: "Maryno, eu não estou aqui, eu tenho que falar com esta garota." Ele fechou a porta. Hoje já não se fazem mais portas que não permitam que você escute através delas. Ele disse: "Sente-se, garota, tenho que falar com você." Eu lembro como se fosse ontem. Era um acontecimento superinteressante na minha vida. E então ele disse: "Você já ouviu falar do Chernov, e este sou eu. E agora eu vou lhe dizer uma coisa, e ninguém jamais acreditará que eu possa ter dito isto. Porque eu sou o chefe de polícia, o chefe do departamento de passaportes, o chefe da polícia local – um grande patrão. Sim, ninguém em N. [uma cidade provincial da Ucrânia] jamais acreditará que eu disse tal coisa, porque todos em N. pensam que eu sou um antissemita durão. Mas, eu vou lhe contar que minha mulher é judia. Sim, ela é judia! Mas ela está registrada como ucraniana! E mesmo que alguém ameace matá-la hoje, ela diria que é ucraniana. E é isto que eu vou dizer para você. Se você se registrar agora como judia... Você já esteve num orfanato junto com

crianças ucranianas. Nenhuma criança judia cujos pais estão vivos jamais seria mandada para um orfanato. Isto só seria possível se a criança fosse mesmo órfã. E seus pais, judeus, por George! Eles não precisavam de você, eu conheço sua história. Você é talentosa, você deveria estudar, mas, se você se registrar como judia, não poderá estudar. Onde você nasceu? Em Riga. Quem era seu pai? Um letão. E sua mãe é judia. Então agora vamos escrever que você é L-E-T-Ã. E você viverá em paz. Você vai viver, vai estudar. E você deve esquecer pelo RESTO de sua vida que seu pai era judeu. Mas você vai sempre se lembrar de Chernov, pelo que ele disse e pela ajuda... E lembre-se disto: Chernov não é um antissemita. Em seu coração, Chernov é judeu porque os judeus o ensinaram como viver. Os judeus o ajudaram a tornar-se um chefe." Mesmo hoje em dia, os velhos judeus lhe dirão que Chernov é um "topetão" e um antissemita. E provavelmente eu sou uma das poucas pessoas que sabiam que sua mulher era judia. E, por causa disso, eu pude sempre trabalhar como as mulheres russas e ucranianas. Nenhum trabalho pesado me assustava.

Ella é uma talentosa contadora de histórias, e sua entrevista foi uma performance na qual todos os personagens tinham vozes distintas. No trecho acima, ao interpretar a fala de Chernov, ela passou a falar ucraniano e imitou suas entonações, variando de autoritário para uma autoridade paternalista.

É difícil afirmar se a notoriedade do policial como um antissemita foi bem merecida ou não. O que importa é que tanto ele como os entrevistados estavam convencidos de que, ao burlar os papéis e distinguir Ella como não-judia, ele mudou sua vida toda para melhor. Como um funcionário soviético, chefe de um departamento de identificação, ele era um expoente da política antissemita

soviética e, ao mesmo tempo, demonstrou um completo desrespeito pela lei. Ele encontrou prazer no seu poder e na sua habilidade de influenciar a vida de outras pessoas. Esse trecho nos fornece uma luz nos estereótipos judeus. Um deles é a crença de que nenhum pai judeu abandonaria seu filho. A outra é a insinuação de Ella de que os judeus são incapazes e despreparados para trabalho pesado. Esse preconceito é parte da descrição de judeus como perigosos, dominadores e um grupo social corrupto. (LEVINSON, 1950, p. 63)

Além de mencionar o antissemitismo e/ou humilhação como um dos motivos para emigrar, nossos entrevistados com frequência falaram sobre isso quando a cultura judaica e a observância da tradição foram discutidas. A maioria deles admitiu sua ignorância sobre a cultura judaica. Alguns lembravam vagamente costumes seguidos por seus avós, mas só entenderam seu significado quando chegaram a Israel.

Yeva F., 40, casada +2, imigrou em 1991 de Odessa, Ucrânia, mora em Haifa, professora universitária, 1º grupo.

Yeva: A única coisa que eu sabia – mas todo mundo sabia e todo mundo tinha *matzá* para *Pessach* – e, se você quer saber, nós tínhamos *matzá* o ano todo. Nós comprávamos uma enorme quantidade e guardávamos num armário. Vovó fritava para mim com ovos, ou então ela me dava com um caldo claro [pausa], caldo com *matzelakh* [do ídiche para “massa”]. Em Odessa, eu vivia com minha avó, meu avô e minha bisavó. E os nossos vizinhos ortodoxos também davam um jeito de pegar a *matzá* e, com alegria, comer como se fosse um biscoito gostoso. Portanto, em Odessa, *matzá* não nada especial. Bem, nós sabíamos que *matzá* deveria ser comida em *Pessach*, mas não era apenas para *Pessach*; era simplesmente

um bom complemento, *croutons*, você sabe. Assim como há *croutons* para se acrescentar ao caldo, havia *matzá*. Na verdade, não vinha carregada de qualquer significado ideológico, embora para minha avó fosse realmente assim. E, agora que eu vim para Israel, tento ligar com as memórias da minha infância com o que eu via antes, com o que eu vejo e leio aqui. E, toda vez, alguma coisa que estava profundamente escondida nas gavetas da minha memória vem à tona. Minha avó ainda observava tudo isso, e ela costumava acender uma lâmpada de querosene. Por que uma lâmpada de querosene? Uma vela soviética não era feita para durar 24 horas. E ela precisava disso várias vezes ao ano. A lâmpada de querosene ficava pendurada no banheiro apenas para isso. E eu me perguntava por que – foi quando eu comecei a entender como as coisas eram. Por que ela não usa esta lâmpada de querosene quando há falta de luz, quando há uma queda de luz na casa, ou quando eles desligam a eletricidade em toda a vizinhança? Seria muito mais conveniente do que procurar por uma vela, e assim por diante. E somente agora eu me dei conta que uma lâmpada de querosene era, para eles, uma lâmpada sagrada, uma vela sagrada.

Entrevistador: Uma vela de *Shabat*?

Yeva: Não era uma vela de *Shabat*, mas uma vela como memorial, sim, uma vela como memorial. Ela a acendia em *Yom Kippur*, ou seja, ela não comia e acendia a vela [aparentemente ela ainda se refere à lâmpada de querosene que funcionava como uma vela]. E ela ainda a acendia em outras duas datas, os dias em que seus filhos foram mortos [na Segunda Guerra Mundial].

Esse trecho lembra vários motivos mencionados anteriormente. São de especial interesse as memórias de Yeva sobre a lâmpada de querosene de

sua avó. O objeto mais prosaico, ainda usado em vilarejos distantes no país da “total eletrificação”, foi elevado a um item ritual, e não havia permissão para ser usado com qualquer outro propósito. A avó de Yeva observava estritamente os dias de memória dos familiares falecidos e o Dia do Perdão, mas, a exemplo de outros judeus soviéticos de antigas gerações, ela não passou a tradição para os mais jovens. Assustados para o resto de suas vidas pelos expurgos de Stalin, a antiga geração não havia transferido seu conhecimento da cultura com medo de talvez expor a nova geração a problemas. No entanto, como Parkes acertadamente comenta, “é possível para uma pessoa esconder sua crença, mas é impossível disfarçar suas práticas” (PARKES, 1963, p. 148). Ao mesmo tempo, muitos respondentes disseram que nunca poderiam esquecer seu judaísmo porque seu ambiente próximo e o sistema constantemente os lembravam disto.

Enquanto 24% dos sujeitos entrevistados por Al-Haj e Leshem disseram que “desejavam morar num estado judeu” (AL-HAJ; Leshem, 2000, p. 11), somente cinco de nossos respondentes explicitamente expressaram este desejo. Tal atitude em relação ao estado judaico frustrou as expectativas da sociedade israelense de que a nova aliya (imigração a Israel) de imigrantes da antiga União Soviética teria uma forte identidade judaica, pois sem isso não haveria razão para os imigrantes virem para Israel (ver BEKER 1991, pp. 454-456). Nós entendemos essa questão como um resultado triste da propaganda antissemita de longo prazo na União Soviética, que fez com que os judeus soviéticos internalizassem os estereótipos antissemitas.

Em Israel, ao se tornarem membros de uma maioria étnica, alguns imigrantes reproduziram a intolerância étnica em relação tanto a grupos minoritários integrantes da comunidade de língua russa como fora dela (FIALKOVA; Yelenevskaya, 2001;

YELENEVSKAYA; Fialkova, 2000). Ao mesmo tempo, alguns entrevistados assinalaram similaridades entre os padrões de discriminação de judeus na antiga União Soviética e os árabes em Israel.

Conclusões

O nosso material não oferece dados com validade estatística; mesmo assim, mostra estados de espírito e atitudes dos imigrantes em relação a problemas de discriminação étnica. Ele revela que a identidade judaica de nossos respondentes foi mobilizada não pela observância da tradição, pelo conhecimento de hebraico ou pelo apego à cultura judaica, mas por uma forma silenciosa de oposição ao antissemitismo estatal e popular.

Embora os entrevistados registrados em documentos soviéticos como não-judeus não tenham sofrido com o antissemitismo de estado, eles ainda eram submetidos ao antissemitismo popular e estavam constantemente em alerta.

A política de antissemitismo afetou a identidade dos judeus soviéticos na medida em que eles internalizaram estereótipos antissemitas negativos. Muitos tentaram distanciar-se do judaísmo ao se registrarem como não-judeus, evitando dar nomes judeus para seus filhos e identificando-se exclusivamente com a cultura russa.

NOTAS

1 Nossa pesquisa foi parcialmente subsidiada por uma subvenção para promoção de pesquisa conjunta da administração da Universidade de Haifa e do Technion – Israel Institute of Technology. Este artigo foi publicado anteriormente como: FIALKOVA, L.; YELENEVSKAYA, M.

“Motifs of Anti-Semitism in Personal Narratives of the FSU Immigrants”. *Jews and Slavs*, 2004, n.13, pp. 137-154. A versão em português foi editada de acordo com as normas da ABNT, respeitando-se o conteúdo do texto e das entrevistas.

2 FSU (Former Soviet Union), Termo coletivo para as quinze nações que formaram a União Soviética até 1991.

3 Nós traduzimos trechos das entrevistas sem editá-los para assim preservar traços específicos da narrativa oral e do estilo individual de cada contador de histórias. Também preservamos ocasiões de mudança de códigos. Os trechos em hebraico, ídiche e inglês estão em itálico. Nota dos editores: na versão do artigo em português, foi feita a supressão de alguns trechos das entrevistas que estavam incompreensíveis ou incompletos e foi realizada a troca de lugar de alguns trechos para aproximar os conteúdos e facilitar a compreensão do leitor sobre os fatos relatados e as ideias dos entrevistados.

4 Os grupos considerados foram:

1º grupo - ambos os pais do entrevistado são judeus;

2º grupo - a mãe do entrevistado é judia, o pai não é;

3º grupo - o pai do entrevistado é judeu, a mãe não é;

4º grupo - os entrevistados são cônjuges não judeus de emigrantes judeus.

5 Vladimir Vol'fovich Zhirinovskiy é um político russo, membro da Duma, conhecido por comportamento e declarações extremistas. No começo de sua carreira, ganhou popularidade graças a promessas populistas e slogans xenofóbicos. Na imprensa e na conversa cotidiana, com frequência ele é referido como “filho de um advogado”. Isso remete à sua declaração (alegadamente pronunciada em público) de que sua mãe era russa e seu pai um advogado. O sobrenome “Vol'fovich” pode ser interpretado como judeu por pessoas que falam russo. Nota dos editores: para a publicação do artigo na revista *WebMosaica*, as autoras acrescentaram: “Mais tarde, tornou-se evidente que seu pai, Volf Isaakovich Eidelstein, era um judeu polonês que emigrou para Israel e lá está enterrado. Ver: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/europe/1446759.stm>, consulta em 06/05/2014.”

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T.W. “Prejudice in the Interview Material” in T.W. Adorno, Else Frenkel-Brunswik, Daniel J. Levinson and R. Nevitt Sanford. *The Authoritarian Personality*. New York: Harper and Brothers, 1950, pp. 605-653.
- AL-HAJ, Majid; Leshem, Elazar. *Immigrants from the Former Soviet Union in Israel: Ten years later*. Relatório de pesquisa não publicado, Haifa, 2000.
- AZBEL, Mark. “Autobiography of a Jew” in D. Prital (ed.), *In Search of Self: The Soviet Jewish Intelligentsia and the Exodus*. Jerusalem: Mount Scopus, 1982, 58-61.
- BEKER, Avi. “Superpower Relations and Jewish Identity in the Soviet Union” in Yacov Roi; Avi Beker (eds.), *Jewish Culture and Identity in the Soviet Union*. New York: New York University Press, 1991, 445-462.
- BOGORAZ, Larisa. “Do I feel I Belong to the Jewish People?” in Aleksander Voronel; Viktor Yakhot (eds.), *I Am a Jew: Essays on Jewish Identity in the Soviet Union*. Moscow: Academic Committee on Soviet Jewry and Anti-Defamation League of B'nai B'rith, 1973, pp. 60-64.
- BRUDNY, Yitzhak M. *Reinventing Russia: Russian Nationalism and the Soviet State (1953-1991)*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1998.
- CAŁA, Anita. *The Image of the Jew in Polish Folk Culture*. Jerusalem: The Magnes Press, the Hebrew University, 1995.
- CHLENOV, Michael. “Jewish Community and Identity in the Former Soviet Union” in *Jews of the Former Soviet Union Yesterday, Today, and Tomorrow*, Conference Proceedings. New York: The American Jewish Committee, 1997, pp. 11-16.
- DIETZ, Barbara. “German and Jewish Migration from the Former Soviet Union to Germany: Background, Trends and Implications”. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 26(4), 2000, pp. 635-652.
- FIALKOVA, Larisa; Yelenevskaya, Maria. “Svoi i chuzhye – metamorfozy emigrantskogo soznania: na materiale lichnykh rasskazov” (My People and the Others: Metamorphoses of Immigrants' Mentality; Analysis of Personal Narratives, in Russian). *Vestnik Evreiskogo Universiteta v Moskve*. Moskva-Ierusalim, 23 (5), 2001, pp. 147-162.

GITELMAN, Zvi. "Judaism and Jewishness in the USSR: Ethnicity and Religion". *Nationalities Papers*, XX (1), 1992, pp. 75-85.

_____. "From a Northern Country: Russian and Soviet Jewish Immigration to America and Israel in Historical Perspective" in Noah Lewin-Epstein et al. (eds), *Russian Jews on Three Continents: Migration and Resettlement*. London: Frank Cass, 1997, pp. 21-44.

IONTSEV, V. A. "Ekonomicheskie i demograficheskie aspekty "vneshnei" migratsii naselenia v Rissii" (Economic and Demographic Aspects of the "External" Migration in Russia, in Russian) in V. A. Iontsev, N. M. Lebedeva, M.V. Nazarov, A. V. Okorokov, *Emigratsia i repatriatsia v Rossii*. Moskva: Popechitel'stvo o nuzhdakh Rossiiskikh repatriantov, 2001, pp. 293-391.

LEBEDEVA, N. M. "Russkaia emigratsia v zerkale psikhologii" (Russian Emigration in the Mirror of Psychology, in Russian) in V. A. Iontsev, N. M. Lebedeva, M.V. Nazarov, A. V. Okorokov, *Emigratsia i repatriatsia v Rossii*. Moskva: Popechitel'stvo o nuzhdakh rossiiskikh repatriantov, 2001, pp. 104-224.

LESHEM, Elazar; LISSAK, Moshe. "Development and Consolidation of the Russian Community in Israel" in Shalva Weil (ed.), *Roots and Routes: Ethnicity and Migration in Global Perspective*. Jerusalem: The Magnes Press, Hebrew University, 1999, 135-171.

LESHEM, Elazar; SICRON, Moshe. "The Absorption Process of Immigrants from the Former Soviet Union, 1990-1995: Main Findings" in Moshe Sicron; Elazar Leshem (eds.), *Profile of an Immigration Wave: The Absorption Process of Immigrants from the Former Soviet Union, 1990-1995*. Jerusalem: The Magnes Press, The Hebrew University, IX-XXXVII, 1998.

LEVINSON, Daniel J. "The Study of Anti-Semitic Ideology" in T.W. Adorno et al. (eds.), *The Authoritarian Personality*. New York: Harper and Brothers, 1950, pp. 57-101.

OREN (Nadel) Itzhak; PRAT, Naftali. *Kratkaia Evreiskaia entsiklopedia v 11 tomakh*. [Short Jewish Encyclopedia in 11 volumes]. Ierusalim: Obschestvo po issledovaniu evreiskikh obschin I Evreiskii universitet v Ierusalime, 1976-2001.

Recebido em 06/06/2014

Aceito em 01/07/2014